

MULHERES QUE LUTAM:

Mensagens feministas desenhadas em preto, branco e vermelho

Marielen Baldissera¹

Resumo

Em minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social fotografo intervenções urbanas (lambes, pichações, adesivos, etc.) que contenham mensagens feministas e que tenham sido produzidas por mulheres. A partir dessas fotografias realizo colagens e desenhos que, posteriormente, retornam à paisagem urbana em formato de cartazes lambe-lambe. É gerada uma espécie de movimento circular que tem início no espaço urbano, passa pela fotografia e pelo desenho, vai ganhando força e se reinventando para voltar a atuar no mesmo meio. No ensaio visual aqui apresentado, mostro alguns dos desdobramentos poéticos provenientes da revisitação de meu arquivo fotográfico, em que utilizo especificamente a técnica do desenho e pintura. Busco relacionar as ações práticas com a produção teórica de autoras que abordam assuntos como Feminismos, Artes Visuais e Antropologia Visual, além de prestar homenagens às mulheres que admiro no mundo da fotografia e das artes. É um trabalho sobre mulheres, de mulheres, para mulheres.

Palavras-chave: Desenho; Fotografia; Feminismo; Arte feminista; Intervenções urbanas

WOMEN WHO FIGHT:

Feminist messages drawn in black, white and red

Abstract

In my PhD research in Social Anthropology, I photograph urban interventions (paste ups, graffiti, stickers, etc.) which contain feminist messages and have been produced by women. With these photographs I create collages and drawings which later return to the urban landscape as posters. This generates a circular movement that begins in the urban space, passes through photography and drawing, gains strength and reinvents itself by returning to act in the same environment. In the visual essay presented here, I show some poetic developments that are the result of revisiting my photographic archive. In these images I use drawing and painting techniques in order to paying tribute to the artists and photographers I admire. I relate practical actions with the theoretical production of authors of Visual Arts, Feminisms and Visual Anthropology. It is a work about women, by women, for women.

Keywords: Drawing; Photography; Feminism; Feminist art; urban interventions

Recebido em: 23 de junho de 2021

Aceito em: 30 de novembro de 2021

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marielen.baldissera@gmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8502-0737>

Em minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social fotografo intervenções urbanas (lambes, pichações², adesivos, etc.) que contenham mensagens feministas e que tenham sido produzidas por mulheres. A partir dessas fotografias realizo colagens e desenhos que, posteriormente, retornam à paisagem urbana em formato de cartazes lambe-lambe. Sendo mulher, assim como minhas interlocutoras, coloco-me nas ruas da cidade intervindo sobre ela e lidando com problemas que os corpos femininos enfrentam em espaços públicos, levando em consideração as diferenças que cada uma de nós carrega. É gerada uma espécie de movimento circular que tem início no espaço urbano, passa pela fotografia e pelo desenho, vai ganhando força e se reinventando para voltar a atuar no mesmo meio.

Como método de pesquisa realizo caminhadas pelas cidades as quais me desloco³, principalmente por Porto Alegre - RS, para encontrar e fotografar material de cunho feminista escritos pelas paredes. A partir desse movimento, realizado há pelo menos quatro anos, acumulei uma grande quantidade de fotos, um arquivo de imagens e frases que compõem uma espécie de coleção. Antes, durante e após esse trabalho de ir para a rua fotografar, é necessário pensar as imagens em núcleos organizadores de sentido e, nesses momentos, entra o processo criativo e também estético. Para não encerrar essas fotografias em si mesmas, decidi me aventurar a fazer colagens com meu material de pesquisa, realizando composições com figuras recortadas de revistas em conjunto com desenhos, pinturas e fotografias de minha autoria. Ao revisitar meu arquivo e realizar montagens a partir desse acúmulo, dou outro destino à minha coleção. No ensaio visual aqui apresentado, mostro alguns dos desdobramentos poéticos provenientes dessa revisitação, em que utilizo especificamente a técnica do desenho e pintura.

Com essa investigação imagética busco aproximar os campos da antropologia e da arte. Concordo com Karina Kuschmir (2014: 28) ao entender que “[...] antropologia e desenho são *modos de ver* e também *modos de conhecer* o mundo. Colocar esses dois universos em diálogo permite, na minha hipótese de pesquisa, um enriquecimento mútuo [...]”. Ainda em diálogo com a mesma autora (2014: 28), que além de antropóloga é

² Adoto em meu texto a grafia da palavra pichação com “ch” por me referir a escritos nas paredes da cidade que não seguem as regras do pixo com “x”. Como explica o antropólogo Alexandre Barbosa Pereira (2010, p. 143), cuja pesquisa aborda o espaço urbano e as práticas culturais juvenis: “Pixar’ seria diferente de ‘pichar’, pois este último termo designaria qualquer intervenção escrita na paisagem urbana, enquanto o primeiro remeteria às práticas desses jovens que deixam inscrições grafadas de forma estilizada no espaço urbano.”

³ Até então, realizei essas caminhadas nas cidades de Porto Alegre – RS, Salvador – BA, Buenos Aires e Mar del Plata, na Argentina.

desenhista, retomo a técnica do desenho em parceria com a fotografia para realizar os atos de: “*tornar visível, narrar, compreender, produzir, apropriar-se de e conhecer*”, sempre levando em consideração a produção feminista visual e urbana.

Como parte do processo criativo e de construção da tese, em outubro de 2019 comecei a participar de uma turma de desenho ministrada pela artista-pesquisadora Aline Daka⁴. Todos os sábados à tarde, um grupo de mulheres se reunia na casa dela para desenhar, realizando projetos pessoais com o auxílio de Aline e o apoio das colegas ali presentes. Iniciei as aulas com o intuito de transformar minhas colagens em desenhos e, posteriormente, imprimir as imagens resultantes como lambes para o coletivo que participo, o Mulherio Urbano.

Mulherio Urbano é um coletivo de artistas feministas do qual sou integrante. Iniciamos nossas atividades em Porto Alegre no ano de 2019 e, até o momento, nossa formação é de três artistas pesquisadoras que trabalham com feminismo e produção de imagens. Em nossos trabalhos pessoais utilizamos diferentes suportes, como fotografia, desenho e graffiti e, no coletivo, realizamos intervenções urbanas principalmente com a colagem de lambes e adesivos pelas cidades em que habitamos e pelas quais nos deslocamos. O objetivo dessas ações é espalhar mensagens sobre questões relacionadas à ocupação dos corpos femininos nos espaços públicos, sobre sexualidade, racismo e afetividade. Buscamos dialogar com outras mulheres por meio de imagens e frases, nas ruas e no meio virtual, em nossa conta no Instagram, pensando em modos de fazer política de forma poética.

Após transformar uma de minhas colagens em desenho a lápis e tinta nanquim, em um desses encontros de criação entre mulheres, decidi continuar o trabalho em formato de série, criando novas composições. Para isso defini algumas regras, como a utilização da mesma paleta de cores (preto, branco e vermelho) e mesmos materiais (caneta nanquim preta, tinta nanquim e tinta acrílica vermelha). Todas as imagens foram realizadas a partir da apropriação e montagem de dois elementos:

- Fotografias que representam mulheres e que tenham sido realizadas por mulheres;
- Frases feministas que fotografei em diferentes cidades durante a pesquisa de campo;

⁴ O grupo parou de se reunir com o início da pandemia de covid-19, em março de 2020.

Unindo essas fotografias e frases em composições, realizei os desenhos da série “Mulheres que lutam”, que apresento a seguir. Em meu trabalho realizo apropriações, mas não tenho o interesse de esvaziar o sentido inicial da obra, e sim, fazer com que os elementos conversem entre si colaborando com o discurso inicial e trazendo novos jogos imagéticos e textuais. É sempre sobre mulheres, de mulheres, para mulheres. Dessa maneira, proponho-me a pensar como esses movimentos produzem conhecimento antropológico, artístico e político em uma pesquisa de doutorado, no viver de um coletivo de mulheres e no meu viver pessoal. Busco relacionar as ações práticas com a produção teórica de autoras que abordam assuntos como feminismos, artes visuais e antropologia visual, além de prestar homenagens às mulheres que admiro no mundo da fotografia e das artes.



Essa cidade também é minha – 2019

No caso da imagem acima, inspirei-me na fotografia de Ruth Orkin (1921 – 1985), fotógrafa estadunidense, intitulada “An American Girl in Italy, que tem Ninalee Craig

como personagem. Juntas, as duas criaram a famosa fotografia, em 1951, na cidade de Florença. Por mais que Ninalee falasse do momento registrado na fotografia como uma mulher independente sendo apreciada⁵, não é esse sentimento que a imagem provoca em mim. Ela traz a sensação de que a rua, o espaço público, não é um lugar seguro para uma mulher desacompanhada de um homem, o assédio masculino é uma constante. Em meu fluxo criativo, entendi que essa seria uma boa imagem para criar conexões com a frase “essa cidade também é minha”, de autoria de Tk⁶. Já a fotografia da frase na parede de um prédio foi realizada por mim no bairro Bom Fim, em Porto Alegre, durante uma caminhada etnográfica para encontrar essas intervenções urbanas.



A rua é delas - 2019

Imagem inspirada em uma fotografia da autoria de Annie Leibovitz em que a atriz Cate Blanchett foi retratada no set de filmagens do filme O Aviador (2004). Para mim, a frase “A rua é delas”, que encontrei pichada pelas paredes do Campus do Vale, combina

⁵ <https://www.theguardian.com/artanddesign/2015/jan/30/ninalee-craig-photograph-ruth-orkin-florence-1951>

⁶ Interlocutora que prefere não se identificar com seu nome, mas assina como Tk.

com a sensação de liberdade que essa imagem passa, de uma mulher se divertindo, quase como uma criança, ao andar de bicicleta. A bicicleta é um elemento que aparece com frequência como símbolo de ocupação das ruas por mulheres, acompanha há muitos anos a história da emancipação feminina.



Liberta tua bruxa interior - 2020

Este desenho foi baseado em uma fotografia de Barbara Morgan (1900 - 1992), fotógrafa norte-americana. Barbara trabalhava em parceria com a dançarina e coreógrafa Martha Graham (1894 - 1991), duas mulheres que foram muito importantes e inovadoras

em suas respectivas áreas, fotografia e dança. A frase da ilustração foi fotografada por mim pichada em uma parede no Campus do Vale da UFRGS, em 2018. A caça às bruxas foi um verdadeiro genocídio contra o sexo feminino e essas mulheres que afrontavam o patriarcado e o poder da igreja se tornaram ícones para os feminismos atuais, aparecendo em diversas pichações pelas cidades.



Frida - 2020

Essa ilustração foi baseada em uma fotografia de Gisèle Freund, fotógrafa alemã que viveu por alguns anos no México e retratou Frida Kahlo em sua casa, pouco tempo antes do falecimento da pintora. Gisèle Freund (1908 - 2000), nascida em Berlim, foi uma das mais proeminentes fotógrafas e fotojornalistas da Europa. Nos anos 50, Gisèle foi para o México e lá permaneceu por dois anos, tornando-se amiga dos pintores Frida Kahlo e Diego Rivera. A fotógrafa fez diversos retratos de Frida em sua casa e

estúdio. Fotografei a frase que acompanha a ilustração em um banheiro do Instituto de Artes da UFRGS. Ela faz referência ao marido de Frida e a relação extremamente conturbada do casal.



Goze como uma mulher - 2020

Imagem que reinterpreta uma fotografia de Nair Benedicto (1940), fotógrafa brasileira referência quando o assunto é o fazer artístico politizado, pois desde os anos 70 dedica-se a cobrir eventos políticos e sociais. Seu trabalho tem forte cunho documental e discurso político engajado, tanto visualmente quanto em sua fala. Na fotografia “Tessão no forró do Mario Zan”, de 1978, a fotógrafa estava realizando um trabalho autoral sobre segregação e discriminação contra nordestinos em São Paulo. A imagem icônica, de puro prazer, foi feita no lugar em que essas pessoas iam dançar e se divertir. Fotografei a frase escolhida pichada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre.



É as guria - 2020

O desenho foi baseado em uma fotografia de Susan Meiselas (1948), fotógrafa norte-americana conhecida por cobrir conflitos na América Central e também por acompanhar de perto histórias de vida de mulheres. A imagem que inspirou a ilustração faz parte da série “*Prince Street Girls*”, nome que Susan deu a um grupo de garotas pré-adolescentes que conheceu no bairro *Little Italy*, em Nova Iorque. Susan fotografou as garotas durante 15 anos, acompanhando o crescimento delas em suas diversas fases de vida. A frase “É as guria” fotografei primeiramente em Erechim - RS, minha cidade natal, e também encontrei outras inscrições em Porto Alegre. É uma flexão de gênero para a gúria “É os guri”. Guria e Guri é como se chamam garotas (os), meninas (os) no Rio Grande do Sul e em outros lugares do sul do Brasil. Esse termo aparece em várias outras inscrições nesta região do país, é como algumas mulheres se identificam e denotam que são mulheres que estão escrevendo nas ruas.



Mulheres resistem lutando - 2020

Este desenho é inspirado em uma fotografia de Tina Modotti (1896 - 1942), fotógrafa, modelo, atriz e ativista política que teve forte envolvimento com o partido comunista. Ela morou por um bom tempo no México, onde retratou muitas mulheres revolucionárias, como a da fotografia “Mulher com Bandeira”, de 1928. Tina acabou sendo expulsa do país devido a campanha anticomunista do governo. Em Porto Alegre encontrei a frase “Mulheres resistem lutando” em diversos lugares no centro da cidade, e essa é uma verdade que se faz presente há muitos anos, independente da bandeira que carregam.



Respeite as pretas - 2020

Para ilustrar a frase “Respeite as pretas!” trouxe uma referência mais contemporânea, a fotógrafa e poetisa baiana Helen Salomão. Helen questiona como falar de racismo sem mostrar a dor, mas sim a beleza. A fotógrafa, que é natural de Salvador, trabalha a estética como posicionamento político, criando imagens positivas de pessoas negras, mostrando “a periferia sem sangue”, como diz ela. Beleza, diversidade, autocuidado, autoestima e saúde mental e física são temáticas enfatizadas. A frase utilizada foi fotografada por mim em uma viagem de estudos para a cidade de Salvador.

RESISTÊNCIA



SAPATÃO

Resistência sapatão - 2020

Este desenho foi baseado em uma fotografia de Alice Austen (1866 – 1952), norte-americana que realizava fotografias buscando a visibilidade do amor entre mulheres. A ilustração teve como referência a fotografia intitulada “*The darned club*”, de Alice Austen, realizada em 1891. Alice Austen foi uma das primeiras fotógrafas norte-americanas e, durante sua vida, capturou aproximadamente 8.000 imagens. Ela teve um relacionamento de mais de 50 anos com Gertrude Tate, que aparece em várias de suas fotografias. Fotografei essa frase pichada nos muros do bairro Centro Histórico em Porto Alegre.

você
NÃO
ESTÁ
sozinha



Você não está sozinha - 2020

Essa ilustração foi baseada em uma fotografia de Vivian Maier (1926 - 2009), fotógrafa norte-americana que, apesar de ter um grande trabalho em fotografia de rua a partir dos anos 50, foi reconhecida somente nos anos 2000, após a sua morte, quando um agente imobiliário encontrou negativos de suas fotografias ainda não reveladas. Vivian trabalhava como babá e fotografava nas horas vagas ou enquanto passeava com as crianças, estava sempre com sua câmera Rolleiflex. Por ter essa proximidade com crianças, muitas delas aparecem em suas fotografias. Ela se transformou em referência de fotografia de rua, principalmente em Nova York e Chicago. A grande maioria de suas

fotografias ainda não foi revelada, os encontrados até então somam mais de 100 mil negativos. Encontrei a frase que compõe a ilustração em um adesivo nas ruas de Salvador, assinado por @autorecorte.

REFERÊNCIAS

KUSCHINIR, Karina. Ensinando Antropólogos a desenhar. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 3, n° 2/2014, pag. 23-463.

LEIBOVITZ, Annie. *Annie Leibovitz at work*. New York: Random House. 2008

LIMA, Solange Teixeira de. *A fotografia de Nair Benedicto 1970 - 1985: do registro documental ao percurso poético*. Trabalho de conclusão de curso de graduação. (Bacharelado em História da Arte) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo*. Lua Nova, São Paulo, 79: 143-162, 2010.

Referências online

“A periferia sem sangue de Helen Salomão” por Mari Cobra
Disponível em: <<https://hysteria.etc.br/ler/a-periferia-sem-sangue-de-helen-salomao/>>
Acesso em setembro de 2020.

“Alice Austen” por Livia Auler
Disponível em: <<https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/08/25/alice-austen/>>
Acesso em setembro de 2020.

Barbara Morgan por Desirée Ferreira. Disponível em:
<<https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/12/14/barbara-morgan/>> Acesso em outubro de 2020.

Gisèle Freund – site oficial. Disponível em: <<http://www.gisele-freund.com/>> Acesso em outubro de 2020.

Susan Meiselas – site oficial. Disponível em: <<https://www.susanmeiselas.com/>>
Acesso em outubro de 2020.

“That’s me in the picture: Ninalee Craig Photographed by Ruth Orkin” por Abigail Radnor. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/artanddesign/2015/jan/30/ninalee-craig-photograph-ruth-orkin-florence-1951>> Acesso em 2016.

The Alice Austen House Museum – site oficial
Disponível em: <<https://aliceausten.org/>> Acesso em setembro de 2020.

Vivian Maier – site oficial

Disponível em: <<http://www.vivianmaier.com/>> Acesso em outubro de 2020.

Filmes

FRIDA KAHLO & TINA MODOTTI. Direção: Laura Mulvey and Peter Wollen, London's Whitechapel Gallery, 1983. 28 min.